

## EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA HERMENÊUTICA: contribuições dialógicas de Hans-Georg Gadamer

JUNGLEY DE OLIVEIRA TORRES NETO<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-6710-2533>  
jungleyjf@hotmail.com

### RESUMO

O presente artigo discute a contribuição da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer para o campo da educação, destacando o diálogo como via originária da compreensão humana. O objetivo geral é analisar como o princípio dialógico pode ser assumido como método pedagógico capaz de favorecer a formação crítica e reflexiva dos sujeitos. O problema de pesquisa que norteia o estudo é: de que modo a concepção gadameriana de diálogo pode ressignificar as práticas educativas em contextos marcados pela pluralidade e pelas desigualdades sociais? O marco teórico baseia-se em Verdade e Método (1960), em que Gadamer enfatiza o diálogo como acontecimento ontológico e condição da compreensão, articulando-o à noção de fusão de horizontes e à consciência da história efetual. A pesquisa é de natureza bibliográfica e qualitativa, com abordagem hermenêutico-filosófica, priorizando a análise conceitual e interpretativa. Os resultados apontam que o diálogo, concebido não como técnica, mas como experiência de abertura e alteridade, oferece fundamentos para práticas pedagógicas centradas na escuta, no respeito e na construção compartilhada do saber. Conclui-se que a hermenêutica filosófica de Gadamer amplia o horizonte da educação ao propor uma aprendizagem que é, antes de tudo, relacional, histórica e transformadora.

**Palavras-chave:** Hermenêutica. Diálogo. Educação. Gadamer. Alteridade.

### ABSTRACT

This article discusses the contribution of Hans-Georg Gadamer's philosophical hermeneutics to the field of education, highlighting dialogue as the original path of human understanding. The general objective is to analyze how the dialogical principle can be assumed as a pedagogical method capable of fostering the critical and reflective formation of individuals. The research problem that guides this study is: how can Gadamer's conception of dialogue reframe educational practices in contexts marked by plurality and social inequalities? The theoretical framework is based on Truth and Method (1960), in which Gadamer emphasizes dialogue as an ontological event and a condition of understanding, linking it to the notions of fusion of horizons and effective-historical consciousness. The research is bibliographic and qualitative in nature, with a hermeneutical-philosophical approach, prioritizing conceptual and interpretative analysis. The results indicate that dialogue, understood not as a technique but as an experience of openness and otherness, provides foundations for pedagogical practices centered on listening, respect, and the shared construction of knowledge. It is concluded that Gadamer's philosophical hermeneutics broadens the horizon of education by proposing learning that is, above all, relational, historical, and transformative.

---

<sup>1</sup> Doutorado em andamento em Ciência da Religião/Filosofia da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre (2021) e graduado (2016) em Filosofia pela mesma instituição. Possui formação em Pedagogia e em História pelo Centro Universitário Internacional – Uninter (2019). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8295843821356831>. Atualmente, professor no Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho (CEM).

**Keywords:** Hermeneutics. Dialogue. Education. Gadamer. Otherness.

## RESUMEN

El presente artículo analiza la contribución de la hermenéutica filosófica de Hans-Georg Gadamer al campo de la educación, destacando el diálogo como vía originaria de la comprensión humana. El objetivo general es examinar cómo el principio dialógico puede asumirse como un método pedagógico capaz de favorecer la formación crítica y reflexiva de los sujetos. El problema de investigación que orienta el estudio es: ¿de qué manera la concepción gadameriana del diálogo puede resignificar las prácticas educativas en contextos marcados por la pluralidad y las desigualdades sociales? El marco teórico se fundamenta en *Verdad y Método* (1960), donde Gadamer enfatiza el diálogo como acontecimiento ontológico y condición de la comprensión, articulándolo con la noción de fusión de horizontes y con la conciencia de la historia efectual. La investigación es de carácter bibliográfico y cualitativo, con un enfoque hermenéutico-filosófico, priorizando el análisis conceptual e interpretativo. Los resultados señalan que el diálogo, concebido no como técnica, sino como experiencia de apertura y alteridad, ofrece fundamentos para prácticas pedagógicas centradas en la escucha, el respeto y la construcción compartida del saber. Se concluye que la hermenéutica filosófica de Gadamer amplía el horizonte educativo al proponer un aprendizaje que es, ante todo, relacional, histórico y transformador.

**Palabras clave:** Hermenéutica. Diálogo. Educación. Gadamer. Alteridad.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação contemporânea se encontra diante do desafio de formar sujeitos críticos, reflexivos e capazes de dialogar em uma sociedade marcada pela diversidade cultural e pelas profundas desigualdades sociais. Nesse contexto, torna-se necessário revisitar referenciais teóricos que possibilitem compreender o ato educativo como um processo relacional e aberto, superando práticas meramente transmissíveis ou tecnicistas. Entre tais referenciais, destaca-se a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, que concebe o diálogo (*Gespräch*) não como um simples instrumento comunicativo, mas como o modo originário pelo qual acontece a compreensão humana.

A obra *Verdade e Método* (1960) constitui o marco teórico principal deste estudo, pois nela Gadamer apresenta conceitos fundamentais como a  *fusão de horizontes* e a *consciência da história efetual*, que sustentam uma compreensão da educação enquanto experiência dialógica. A partir dessa perspectiva, compreender e educar não se reduzem à aplicação de técnicas, mas configuram-se como um processo histórico, existencial e relacional em que educador e educando constroem juntos novos sentidos.

O objetivo geral deste artigo é analisar de que maneira a hermenêutica filosófica de Gadamer pode contribuir para a reflexão e a prática da educação como método dialógico.

Como objetivos específicos, busca-se: a) apresentar os fundamentos da concepção gadameriana de diálogo; b) discutir a importância da alteridade e da fusão de horizontes no processo educativo; e c) refletir sobre as implicações pedagógicas dessa concepção para a formação crítica e cidadã dos sujeitos.

Este trabalho, de natureza bibliográfica e qualitativa, adota uma abordagem hermenêutico-filosófica, priorizando a análise conceitual e interpretativa. Ao situar a educação como espaço privilegiado de diálogo, pretende-se destacar que a contribuição hermenêutico-filosófica não é apenas teórica, mas também prática, uma vez que oferece horizontes para repensar metodologias educativas em tempos de complexidade e pluralidade.

## 2. METODOLOGIA DO TRABALHO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, de natureza hermenêutico-filosófica, cujo objetivo foi analisar a contribuição da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer para a educação, especialmente no que concerne à centralidade do diálogo como via originária da compreensão. A escolha desse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de aprofundar conceitos, categorias e pressupostos teóricos em um campo que, por sua própria natureza, demanda reflexão interpretativa.

De acordo com Gadamer (1999; 2002; 2007), a hermenêutica não se reduz a um método técnico, mas constitui um modo de ser da própria compreensão, fundamentado no acontecimento da linguagem e na experiência dialógica. Assim, o caminho adotado consistiu em uma interpretação sistemática e crítica das principais obras do filósofo, em especial *Verdade e Método* (1999), articulada a outros textos do autor (*Verdade e Método II*, 2002; *Hermenêutica em Retrospectiva II*, 2007), bem como a comentadores contemporâneos como Rohden (2003) e Hösle (2006).

A metodologia hermenêutica aplicada implicou em dois movimentos complementares: primeiro, o retorno às fontes originais do pensamento de Gadamer, buscando compreender a concepção de diálogo, a noção de fusão de horizontes e a consciência da história *efetiva*; em seguida, a interpretação aplicada ao campo educacional, confrontando tais conceitos com práticas e desafios da educação contemporânea. Nesse processo, seguiu-se a perspectiva indicada pelo próprio Gadamer (1990), para quem toda compreensão é sempre mediada pela tradição e se efetiva no horizonte da linguagem.

O trabalho também se beneficiou de contribuições recentes no campo da filosofia da

educação, como o estudo (Torres, 2023), que articula hermenêutica, práxis e diálogo em chave pedagógica, reafirmando a fecundidade do pensamento de Gadamer para repensar o papel da educação em sociedades marcadas pela pluralidade cultural e pela complexidade social.

Portanto, o percurso metodológico adotado pode ser descrito como uma análise conceitual, interpretativa e aplicada, em que a hermenêutica filosófica se converte em ferramenta de leitura crítica da realidade educativa, sustentando a proposição de um método dialógico para a formação humana.

### **3. A CONTRIBUIÇÃO DIALÓGICA DE GADAMER PARA O PENSAR EDUCATIVO**

Perceber o diálogo como eixo da compreensão significa deslocá-lo do plano instrumental para o plano ontológico da experiência. Em vez de concebê-lo como mera técnica de condução de conversas, a perspectiva hermenêutica o entende como o modo mesmo de acontecer da verdade entre interlocutores. Isso implica reconhecer que compreender exige uma disposição inicial: acolher a alteridade sem reduzi-la aos próprios esquemas prévios. Na educação, esse deslocamento afeta diretamente a organização da aula, a postura docente e os critérios de validação do conhecimento. O diálogo passa a ser condição do aprender, e não apenas um ornamento metodológico. O diálogo requer não abafar o outro com argumentos, mas, pelo contrário, sopesar realmente o peso objetivo da opinião contrária. Por isso, é uma arte do ir experimentando (Gadamer, 1999, p. 541).

Nesse horizonte, a relação com o ponto de vista divergente deixa de ser duelo retórico para tornar-se exercício de equidade interpretativa. A escuta não se limita à cordialidade; ela envolve a responsabilidade de considerar as razões do outro em sua melhor forma, atribuindo-lhes o “peso objetivo” que lhes cabe. Tal gesto não é concessão, mas virtude epistêmica: só quem leva a sério a objeção pode, de fato, ampliar o próprio horizonte. Em contexto pedagógico, isso se traduz em práticas que pedem justificativas, pedem reformulações fiéis do argumento alheio e promovem a distinção entre refutar uma ideia e desqualificar um interlocutor. O foco sai da vitória persuasiva e recai sobre a busca compartilhada de sentido.

A hermenêutica filosófica de Gadamer caracteriza esse processo como uma arte do ir experimentando, marcada por tentativas, revisões e ajustes progressivos. Em vez de teses blindadas, trabalham-se hipóteses abertas que se deixam afetar pela coisa em discussão e pelas perguntas que ela suscita. A cada passo, o intérprete testa compreensões parciais,

compara alternativas, corrige desvios e reconfigura pressupostos, movimento que envolve tanto memória quanto invenção. É nesse “ir e vir” que se dá a fusão de horizontes: algo novo emerge do encontro, sem anular as diferenças que o tornaram possível. O método, aqui, é menos um protocolo fechado e mais uma disciplina de atenção e de revisão.

Transposta para a sala de aula, essa arte requer dispositivos concretos: perguntas autênticas (que não já contêm a resposta), tempos de paráfrase fiel antes da réplica, explicitação de critérios de avaliação de argumentos e incentivo à coautoria de conclusões provisórias. O docente atua como mediador da experiência comum, sustentando o espaço de investigação e garantindo que nenhuma voz se imponha pela força, mas pela qualidade das razões. Assim, aprende-se a argumentar sem “abafar”, a discordar sem caricaturar e a concordar sem servilismo. É nesse ponto que a formulação de Gadamer ganha densidade para a prática educativa, ela enuncia, com precisão, a atitude que torna o diálogo fecundo.

Nas palavras do autor:

Não podemos esconder de nós mesmos o quão duro e o quão imprescindível é que vivamos em diálogo. Não buscamos o diálogo apenas para compreender melhor os outros. Ao contrário, nós mesmos é que somos muito mais ameaçados pelo enrijecimento de nossos conceitos ao quisermos dizer alguma coisa e ao buscarmos o acolhimento do outro [...] O problema não está em não compreendermos o outro, mas em não nos compreendermos. Precisamente quando buscamos compreender o outro, fazemos a experiência hermenêutica pela qual precisamos romper uma resistência em nós, se quisermos ouvir o outro enquanto outro. Essa é, então, uma radical determinação fundamental de toda a existência humana e ela domina até mesmo a assim chamada autocompreensão (Gadamer, 1999, p. 70).

Essa passagem de Gadamer revela a profundidade e a exigência do exercício hermenêutico. O diálogo, longe de ser simples convivência pacífica, implica esforço e até desconforto, pois exige romper com o enrijecimento dos próprios conceitos. Em outras palavras, para compreender o outro é preciso suspender certezas e abrir espaço para que novas perspectivas possam interpelar nossas convicções mais arraigadas. Esse movimento é duro porque coloca em xeque nossa identidade intelectual e existencial; ao mesmo tempo, é imprescindível porque sem ele ficamos aprisionados em visões fixas, incapazes de transformação.

O filósofo ainda enfatiza que o maior desafio não reside na alteridade externa, mas na dificuldade de compreendermo-nos a nós mesmos. Ao buscar o entendimento do outro, inevitavelmente entramos em contato com nossas próprias limitações e preconceitos. Trata-

se de uma experiência hermenêutica que não apenas amplia o horizonte do mundo, mas também reconfigura a autocompreensão. Nesse sentido, o diálogo não se reduz a um movimento em direção ao outro, mas constitui um processo circular em que o retorno a si mesmo se dá enriquecido, transformado e questionado. É justamente esse caráter duplo: compreender o outro e a si, que faz do diálogo um acontecimento existencial radical.

Na educação, esse aspecto é particularmente relevante. O processo de ensino-aprendizagem só se torna formativo quando mobiliza tanto a abertura ao diferente quanto a revisão dos próprios pressupostos. O educando aprende não apenas quando assimila conteúdos, mas quando se vê interpelado por ideias que tensionam sua visão de mundo; o professor ensina não quando transmite verdades acabadas, mas quando se deixa também afetar e aprender no encontro. Dessa forma, a sala de aula torna-se um espaço hermenêutico: lugar em que educadores e educandos experimentam conjuntamente o duro e imprescindível trabalho de viver em diálogo, sempre à procura de um sentido mais amplo, inclusivo e transformador.

Desse modo, o saber deixa de ser compreendido como posse individual e passa a configurar-se como uma vivência partilhada, um lógos em comum que se estabelece entre os sujeitos e constrói pontes de entendimento. Quando Gadamer afirma que “a possibilidade do outro ter direito é a alma da hermenêutica” (Gadamer, 1999, p. 201), ressalta que a alteridade não ocupa um papel secundário, mas é constitutiva do próprio processo de compreender. Não há verdadeira hermenêutica sem o reconhecimento do outro como legítimo interlocutor.

Nesse mesmo horizonte, Rohden observa que “Platão escreveu sua filosofia em forma de diálogo e aprendeu que filosofar é possível somente um-com-o-outro; o diálogo aberto é para Platão o único modo como a verdade pode realizar-se” (Rohden, 2003, p. 184). O testemunho platônico, resgatado por Gadamer, revela que o pensar filosófico é sempre relacional, pois se funda no movimento de escuta e resposta, na tensão entre perguntas e possibilidades. O exercício do pensamento, portanto, é sempre coletivo, ainda que cada sujeito traga consigo sua singularidade histórica.

Assim, tanto em Platão quanto em Gadamer a verdade aparece como algo que não se alcança em isolamento, mas que emerge no encontro dialógico. É no cruzamento das perspectivas, no atrito entre diferentes visões de mundo, que se abre espaço para a manifestação da verdade. O diálogo converte-se, então, em um espaço de coautoria do saber, em que a compreensão é fruto da interação e da abertura, nunca de uma imposição unilateral.

O percurso do diálogo se estrutura em um movimento duplo, no qual a atitude de quem fala e a de quem escuta se entrelaçam. Esse processo é marcado por tensão, já que coloca em confronto diferentes perspectivas e modos de ver o mundo. Contudo, tal tensão não deve ser interpretada como obstáculo, mas como motor que dinamiza a compreensão. É a presença do outro, com suas diferenças e resistências, que provoca nossas próprias convicções e nos convida a pensar de maneira mais crítica. Como lembra Gadamer, “o que se exige é a abertura ao outro”; por isso, “a consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade” (Gadamer, 1999, p. 405).

Nessa direção, o itinerário hermenêutico não se confunde com um gesto de imposição ou de mera absorção de ideias. Ele se apresenta como um processo vivo, aberto e relacional, no qual a alteridade não é tolerada de forma superficial, mas acolhida como dimensão constitutiva do sentido. A interpretação, nesse horizonte, é sempre coproduzida: compreender o mundo, o outro e a si mesmo demanda diálogo constante, disposição para ouvir e coragem de se deixar transformar pela experiência.

Gadamer ainda reforça que a prática hermenêutica não se encerra em respostas definitivas, pois sua essência está em nunca guardar para si a última palavra (Gadamer, 1999, p. 211). Ao reconhecer a finitude humana, a compreensão se mostra sempre inacabada, sujeita a revisões e reformulações. A verdade, portanto, não se fixa em um ponto imóvel, mas é um caminho em aberto, em permanente construção.

Essa postura, enraizada na tradição socrático-platônica, desafia qualquer absolutização, seja do sujeito, seja do objeto. Gadamer propõe enxergá-los em relação, como polos que se constituem mutuamente no processo dialógico. A compreensão nasce justamente dessa interação dinâmica, em que nenhuma parte detém a primazia, mas ambas se enriquecem e se transformam no encontro.

Portanto, pode-se afirmar que a contribuição de Gadamer para o campo educativo não está apenas em oferecer conceitos hermenêuticos, mas em propor uma atitude fundamental diante do conhecimento e da formação humana. Ao compreender o diálogo como condição originária da compreensão, o filósofo convida educadores e educandos a reconhecerem que aprender não é acumular informações, mas abrir-se a uma experiência transformadora. O diálogo hermenêutico, ao exigir abertura, escuta e reconhecimento da alteridade, torna-se o alicerce de uma prática pedagógica que busca superar a transmissão unilateral e promover a co-construção do saber.

Assim, pensar a educação a partir de Gadamer significa resgatar sua dimensão ética e

ontológica: educar é criar espaços em que diferentes horizontes se encontram, entram em tensão e se fundem, sem que nenhum deles se imponha de modo absoluto. A aprendizagem emerge, então, como movimento de autotransformação e corresponsabilidade, no qual cada sujeito se descobre ao mesmo tempo como intérprete e interpretado. Nesse sentido, a hermenêutica filosófica oferece ao pensar educativo um horizonte fecundo para lidar com a pluralidade contemporânea, ajudando a formar sujeitos críticos, abertos ao diálogo e capazes de conviver com a diferença em busca de uma verdade sempre compartilhada e inacabada.

### 3.1. O princípio conceitual de fusão de horizontes como caminho dialógico

O termo *fusão de horizontes* (*Horizontverschmelzung*) foi cunhado por Hans-Georg Gadamer em sua obra *Verdade e Método* (1999). A palavra *Horizont* remete àquilo que se abre diante de nós como campo de visão, não apenas físico, mas também cultural, histórico e existencial. Já *Verschmelzung* designa a ideia de fusão, de junção em que elementos diferentes se encontram sem perder sua singularidade, mas gerando algo novo. Para Gadamer, compreender significa precisamente colocar em relação horizontes distintos. Uma analogia esclarecedora pode ser feita com o universo da pintura em aquarela: quando as cores primárias se encontram, como o azul e o amarelo, não deixam simplesmente de existir em sua forma original, mas, em contato, geram uma terceira cor, o verde. Essa nova tonalidade não anula as anteriores, mas só é possível graças à sua fusão. Da mesma forma, na experiência hermenêutica, os horizontes não se diluem em uniformidade, mas, ao se interpenetrarem, fazem nascer algo novo: uma compreensão ampliada, que não pertence exclusivamente a nenhum dos polos, mas ao encontro entre eles.

No campo da educação, essa imagem é particularmente fecunda. O diálogo entre professor e estudante pode ser compreendido como um processo de fusão de horizontes: cada um traz consigo um repertório de experiências, tradições e visões de mundo, que, quando colocados em relação, podem gerar novos sentidos. Tal como a mistura das cores, a aprendizagem se realiza como uma construção coletiva, em que a abertura ao outro não ameaça a identidade, mas possibilita a criação de algo inédito.

Nas palavras do autor:

[...] Na realização da compreensão tem lugar uma verdadeira fusão horízontica que, com o projeto do horizonte histórico, leva a cabo simultaneamente a sua suspensão. Nós caracterizamos a realização

controlada dessa fusão como a tarefa da consciência histórico-efetual. Enquanto, na herança da hermenêutica romântica, o positivismo estático-histórico ocultou essa tarefa, temos de dizer que o problema central da hermenêutica se estriba precisamente nela (Gadamer, 1999, p. 458).

Essa passagem de Gadamer introduz uma das categorias mais densas de sua hermenêutica: a relação entre a fusão de horizontes e a consciência da história efetual (*Wirkungsgeschichtliches Bewusstsein*). Para o filósofo, compreender nunca é um ato neutro ou isolado, mas sempre acontece a partir de um horizonte histórico que nos antecede. Esse horizonte, formado por tradições, linguagens e experiências coletivas, delimita as condições do que podemos entender. Ao mesmo tempo, no ato da compreensão, esse horizonte se desloca, é suspenso e reelaborado, de modo que a fusão não significa imobilidade, mas constante transformação. Trata-se de reconhecer que estamos sempre dentro da história, mas que nela podemos nos mover, reinterpretar e ressignificar o legado recebido.

Ao distinguir sua proposta da herança romântica, Gadamer critica a ideia de uma hermenêutica que buscaria uma reconstrução objetiva e estática do passado, como se fosse possível alcançar o sentido original de forma pura. Contra esse positivismo histórico, ele afirma que compreender não é retornar a um ponto fixo, mas dialogar com a tradição em sua eficácia presente. O intérprete não se coloca fora da história, mas é parte dela, e justamente por isso toda compreensão é mediada pela fusão entre o horizonte herdado e o horizonte atual. Assim, a consciência *histórico-efetual* não é uma simples lembrança do passado, mas um reconhecimento ativo de que o presente é moldado e atravessado pelas experiências históricas que continuam a agir sobre nós.

No âmbito educativo, essa concepção tem implicações profundas. O processo de aprendizagem não pode ser visto como mera transmissão de conteúdos cristalizados, mas como inserção crítica em uma tradição que precisa ser constantemente reinterpretada. O educando, ao entrar em contato com conhecimentos históricos, não repete mecanicamente um legado; ele participa de uma fusão de horizontes em que a tradição se reconfigura à luz de sua experiência presente. O professor, por sua vez, atua como mediador desse encontro, ajudando a revelar que compreender o passado não significa aprisionar-se nele, mas possibilitar que sua força e sentido continuem vivos na construção de novos horizontes. Desse modo, a consciência *histórico-efetual* torna-se chave para pensar a educação como processo de formação que é, ao mesmo tempo, enraizado e aberto à transformação.

Nesse itinerário, percebe-se que a contribuição de Gadamer ao campo educativo ganha relevo quando se observa sua crítica tanto ao objetivismo quanto ao subjetivismo. Para

o filósofo, o conhecimento não é algo que se alcança pela mera revelação do objeto ao sujeito, nem pela simples projeção das categorias do sujeito sobre o objeto. O que ocorre é uma relação recíproca, em que ambos: sujeito e objeto, são colocados em movimento dialógico. Nesse encontro, o que emerge é uma compreensão situada, marcada pela fusão de horizontes, em que o conhecimento não pertence a uma parte, mas ao espaço comum que se abre entre elas.

A experiência hermenêutica, portanto, exige abertura radical ao outro. Não se trata apenas de um encontro entre um “eu” e um “tu”, mas da construção de um “nós”, em que identidade e diferença se entrelaçam e se enriquecem. Esse movimento gera um alargamento de horizontes, superando a rigidez de conceitos pré-estabelecidos e possibilitando novas formas de compreensão. A verdade, nesse contexto, não é um dado fixo, mas uma construção contínua, sempre provisória, mediada pela relação dialógica. Na educação, isso implica cultivar uma postura pedagógica em que tanto professores quanto estudantes se reconheçam como participantes de uma tradição em constante movimento, abertos à transformação recíproca.

Com essa perspectiva, a sala de aula se torna espaço de *fusão de horizontes*: lugar em que diferentes histórias, culturas e experiências se entrelaçam, produzindo sentidos novos. O conhecimento deixa de ser algo a ser simplesmente acumulado e passa a ser compreendido como uma experiência compartilhada, constantemente ressignificada. A hermenêutica filosófica de Gadamer, nesse sentido, oferece à educação uma base sólida para pensar o diálogo não como técnica, mas como exigência ética e ontológica. Educar é, assim, possibilitar encontros que transformam, que ensinam a conviver com a pluralidade e que formam sujeitos capazes de interpretar criticamente o mundo e agir de forma responsável e solidária.

Percebe-se, portanto, que o princípio de fusão de horizontes, articulado à consciência histórico-efetual e ao caráter linguístico da compreensão, oferece à educação uma chave interpretativa potente: aprender e ensinar são movimentos que só se realizam no encontro entre diferentes perspectivas, na abertura ao diálogo e na disposição de rever constantemente nossos pressupostos. Nesse horizonte, a escola pode ser entendida como um espaço privilegiado de negociação de sentidos, em que a diversidade cultural e histórica não é um obstáculo, mas a própria condição para a formação crítica e humanizadora. Gadamer, ao situar a verdade no “entre” dos interlocutores, inspira uma pedagogia que valoriza a alteridade e reconhece que todo ato educativo é sempre inacabado, aberto e

transformador.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a contribuição da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer para a educação, tomando o diálogo como eixo estruturante da compreensão. Partiu-se do problema de pesquisa: de que modo a concepção hermenêutica de Gadamer, através do princípio conceitual de diálogo, pode ressignificar as práticas educativas em contextos marcados pela pluralidade e pelas desigualdades sociais? A análise realizada permitiu constatar que a hermenêutica filosófica de Gadamer oferece fundamentos teóricos sólidos para pensar a educação não como transmissão unilateral de conteúdos, mas como um processo relacional, histórico e transformador.

Verificou-se que a noção de fusão de horizontes, articulada à consciência histórico-efetiva, coloca em evidência que a compreensão só se realiza na abertura ao outro e na constante negociação entre passado e presente. Assim, educador e educando não se encontram em posições hierárquicas fixas, mas como coautores de um percurso formativo em que ambos ampliam seus horizontes. A hipótese de que o diálogo pode ser assumido como método pedagógico e condição ontológica da aprendizagem mostrou-se confirmada: a educação se enriquece quando reconhece o diálogo como via originária do conhecimento.

Diante desse quadro, conclui-se que a hermenêutica filosófica de Gadamer amplia o horizonte da pedagogia ao destacar o valor da alteridade, da escuta e da co-construção do saber. Trata-se de uma perspectiva que contribui para a formação de sujeitos críticos e capazes de conviver com a diversidade em sociedades complexas e desiguais. Recomenda-se, ainda, que pesquisas futuras aprofundem a aplicação prática desses fundamentos em diferentes contextos educativos, seja na formação inicial e continuada de professores, seja em experiências pedagógicas voltadas para a promoção de uma cultura democrática e dialógica.

#### 5. REFERÊNCIAS

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Retrospectiva II: a virada hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer: Petrópolis: Vozes, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**. Trad. Enio Paulo Giachini: Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik**. 6.ed. Gesammelte Werke, Bd.1. Tübingen: Mohr Siebeck, 1990.

HÖSLE, Vittorio. **Der philosophische Dialog: Eine Poetik und Hermeneutik**. München: Beck, 2006.

TORRES, Jungley. Contribuições à filosofia da educação e à educação em filosofia: hermenêutica, práxis e diálogo. In: Gustavo Silvano Batista; Eduardo Marandola Jr; Claudio Reichert do Nascimento; Alessandro Rodrigues Pimenta. (Org.). **Educar-se como práxis: contribuições hermenêuticas para a educação**. Teresina: EDUFPI, 2023, v. 1, p. 47-77.

TORRES NETO, Jungley de Oliveira. **Fundamentos Hermenêuticos para uma Educação Crítica e Dialógica**. 1. ed. Campinas: Saber Criativo, 2025.

ROHDEN, Luiz. Filosofando com Gadamer e Platão: movimentos, momentos e método(s) da dialética. **Hermenêutica filosófica**. Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica: entre Heidegger e Gadamer**. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302012000200002](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302012000200002)  
Acesso em: 25 maio 2025.